

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina

Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008

Geografia Humanística e Turismo: contribuições de enfoque humanista para o estudo do turismo.¹

Leandro Forgiarini de Gonçalves²

Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

Resumo

Para a construção do conhecimento em ciências humanas, o enfoque humanista revela-se como portador da poesia e da emoção. A criatividade e a imaginação também estão intimamente ligadas à perspectiva humanista e transformam o sabor do conhecimento em uma experiência que reforma o ato do pensar. A Geografia Humanística contribui para o conhecimento da ciência geográfica, através de uma perspectiva sensível voltada às experiências do homem no espaço e no lugar. A Geografia se interessa pelo estudo do turismo devido ao caráter espacial da atividade turística. Da mesma forma, o turismo se beneficia da capacidade de análise espacial traçada pelos estudos geográficos. A Geografia Humanística, por sua vez, pode vir a contribuir para um enfoque humanista aplicado à epistemologia do turismo e para a humanização das viagens.

Palavras-chave: Geografia Humanística; Turismo; Espaço; Lugar.

Reflexões preliminares para um enfoque humanista

Afortunadamente, “quanto mais a prosa invade a vida, mais a poesia reage” (MORIN, 2005, p.139) à sua rigidez e aspereza. Com prudência, a razão elegeu a prosa como sua fiel companheira, já que a prosa é mais enxuta e objetiva do que a poesia. Mas, a poesia é resistente, pois mesmo rechaçada ela permanece indissolúvel e a espera de um titubeio da prosa, a fim de preencher a razão com todo o seu encantamento.

Para Morin (2005, p.136), ao contrário da prosa, a poesia conota muito mais do que denota. O estado prosaico é lógico, metucioso e técnico. Já a poesia se traduz por um estado emocional e afetivo, deflagrador da alegria, da paixão do entusiasmo e do êxtase. Para tanto, um pesquisador que não se entrega e se apaixona pela pesquisa perde a

¹ Trabalho apresentado ao GT “Epistemologia do Turismo” do V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 27 e 28 de junho de 2008.

² Graduado em Turismo pelas Faculdades Integradas ASSESC - Santa Catarina; Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH, da Universidade de São Paulo. E-mail: leandrof@usp.br

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

direção do vento que o pensamento sopra e encontra na razão o seu único subterfúgio. Abrir-se às paixões do espírito científico também é uma maneira de reformar o pensamento ardorosamente. Assim, para Rodrigues (1997, p.16), novas formas de expressão na produção científica são aconselháveis, principalmente se vierem impressas pela marca pessoal do autor e sob o enlace da linguagem do coração.

Bachelard (2007, p.225) escreve que o apetite e a libido são motores essenciais para a formação do espírito científico. Para o autor “o apetite é mais brutal, mas a libido é mais poderosa”, pois o apetite é extinto ao ser saciado, já a libido, por ser fruto de longos pensamentos, ela quer – e é – duração.

A libido refere-se à paixão e, por assim dizer, também é mais poética do que o apetite, que é mais voraz, mas se dissipa. Para Bachelard (ibid), “um amante pode ser paciente como um sábio” já que é a libido que o movimenta. A libido sabe esperar porque constrói no tempo a sua morada, por isso, para o pesquisador, ela tem a cadência da poesia e o apetite tem a fome da razão.

Entre o apetite e a libido, a razão e a emoção, a prosa e a poesia, o pesquisador deverá optar pelas escolhas, no entanto, o pensamento deve ser acompanhado da reforma e liberto das amarras em proveito da imaginação.

Por sinal, a imaginação é a louca e a fada da casa (MORIN, 2005, p.126), é o mais fértil artifício do ser humano, pois “torna-se um elemento necessário à verdadeira lembrança” (CASSIRER, 1997, p.89). Às coisas que se emprega a imaginação tendem a se iluminar, pois o imaginário desconhece os riscos e transgride as barreiras da precaução.

Em ciências sociais e humanas a razão é uma necessidade de risco, pois a razão faz transbordar a inteligência, mas se apresenta bem mais moderada diante do pensamento.

De acordo com Morin (2005, p.103), o “pensamento implica todo o ser”. O autor esclarece que o pensamento é “uno, múltiplo e polimorfo” (ibid), porque nele comportam-se as variáveis, as nuances e as infinitas possibilidades de construção de um conhecimento complexo.

Para o pesquisador que se dedica às humanidades, o pensamento é pajem de suas jornadas. Desta forma, cabe ressaltar que, para Morin (2005, p.18), “o conhecimento do homem deve ser, ao mesmo tempo, muito mais científico, muito mais filosófico e muito mais poético do que é”. Que na aventura do pensamento, o convite que se recebe é o do aprendizado constante e o conhecimento é a recompensa do vôo alçado.

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008****Um prelúdio à Geografia Humanística**

A fim de imaginar a Geografia alimentando-se da mesma fonte que a poesia e a filosofia, considerar-se-á, inicialmente, o teor de uma “Geografia da existência” capaz de traçar o entendimento do espaço sob a noção de “espaço banal” proposto por Milton Santos (SANTOS, 1996).

Para Santos (1996, p.29), “o espaço banal é o espaço de todos os indivíduos independentemente de suas qualidades”, mas, sobretudo, trata-se do lugar do acontecer solidário, em que a Geografia atua como intermediária entre todas as demais ciências do homem.

O espaço comporta inúmeras divagações filosóficas sobre tempo e lugar, pois, por tratar-se do espaço humano, revela o passado, o presente e o futuro (SANTOS, 1988, p.13). Bachelard (2000) desenvolve a poética do espaço através do ninho, da concha e dos cantos, podendo ser percebida, também, pela imagem da casa e do universo. Na Geografia, sabe-se que a terra é a grande casa do homem e que ela flutua no universo, que é o espaço maior.

Se, por momentos, a Geografia supõe que o principal objeto de seus estudos é o meio físico, corrige-se ao perceber que o homem está no centro de suas atenções, já que ele vive, depende e transforma o mundo a sua volta. Para Santos (1997, p.90), “é em torno do homem que o sistema da natureza conhece uma nova valorização e, por conseguinte, um novo significado”.

Essa nova valorização e significado cooptado pela natureza é o que transforma a figura humana num elemento chave para o estudo do espaço, do lugar, e de tantas outras categorias essenciais à Geografia. O que se traça é o conhecimento da Terra, tão prezado pela ciência geográfica, para que se faça conhecer o homem. Assim fez Dardel (1952) ao revelar que desse par complexo (terra/homem) é que depende o entendimento da natureza geográfica.

Para Holzer (1993, p.114), a leitura da obra de Eric Dardel é uma obrigatoriedade para quem deseja trilhar o caminho da epistemologia geográfica, principalmente sob o enfoque humanista. Dardel entendia que a Geografia deveria se ocupar em decifrar os signos ocultos da terra, já que o espaço geográfico exigiria uma “atitude exploratória

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

que aliasse ao rigor da ciência a observação pessoal e poética” (HOLZER, 1993, p.114). Holzer (2001, p.103) escreve que o objetivo de Eric Dardel e sua “Geografia Fenomenológica” era o de fazer uma análise da relação visceral entre o homem e a terra. Para tanto, ao escrever sobre a história da Geografia, Dardel não economizou na utilização de recursos míticos e poéticos, escrevendo, inclusive, sobre as aventuras da “*géographie héroïque*” e o desejo de descoberta dos espaços (DARDEL, 1952, p.98).

Dardel (1952, p.109) escreve, também, sobre a “*géographie de plein vent*”, título cunhado por Lucien Febvre, que dá sustentação à vontade de descoberta manifestada pela “*géographie héroïque*”, tratando-se, pois, de uma Geografia ativa e corajosa que assume o risco das grandes expedições ao deixar o gabinete e ir a campo.

Em síntese, Dardel escreveu sobre a Geografia que, além de ser científica, deve servir como instrumento de descoberta e de aventura para o homem. Dessa maneira, trouxe poesia a uma ciência que pretendia ser da terra, mas que também é sensivelmente do homem.

Para Holzer (2001, p.107), é preciso salientar que Eric Dardel serviu como uma das mais importantes referências à adoção da fenomenologia pela Geografia norte-americana, influenciando, assim, grande parte dos geógrafos humanistas.

A Geografia Humanística surge como disciplina nos Estados Unidos ao final da Segunda Guerra Mundial (HOLZER, 1993, p.108), e se entrelaça aos temas e abordagens da Geografia Cultural (HOLZER, 1993, p.108).

A Geografia Cultural é firmada como campo da Geografia no ano de 1925, através da obra de Carl Sauer, intitulada “*The Morphology of Landscape*”. De acordo com Holzer (1993, p.108), Sauer lança os pilares da Geografia Cultural, ao destacar o emprego da fenomenologia para o estudo da paisagem.

A respeito do surgimento e do desenvolvimento do humanismo na Geografia, Mello (1990, p.93) esclarece que foi em reação contrária às leis positivistas que a Geografia Humanística tomou fôlego, e que seu forte caráter “antipositivista” a transformou em uma Geografia radical.

Assim, unindo a ciência à filosofia e às artes, partiu-se para uma ótica de estudos que privilegiou os questionamentos eidéticos acerca do homem e do espaço e, dessa maneira, a Geografia adentrou no campo das profundas reflexões outrora propostas por Husserl, Sartre e Heidegger.

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

Holzer (2001, p.112) escreve que Dardel, assim como Bachelard, “decompõe o espaço material em elementos que extrapolam os níveis de compreensão de uma ciência rigorosamente objetiva”. Também é nesta perspectiva que Tuan (1983) compreende o espaço, procurando elucidar a forma como o homem experiencia o mundo.

Bem longe de um cálculo matemático ou de uma lei que possa explicar esse tipo de relação entre o homem e a terra, Tuan encontra nas variáveis da percepção e da experiência humana, as respostas para tecer suas reflexões a respeito do espaço vivido.

O geógrafo Yi-Fu Tuan foi um precursor na ampliação da abordagem humanista em Geografia, o autor dedicou-se, especialmente, ao estudo do termo “topofilia” (TUAN, 1980) criado por ele. A topofilia refere-se aos vínculos de afetividade que o homem estabelece com o lugar.

De acordo com Tuan (1980, p.286), a topofilia varia em amplitude emocional e em intensidade, estando relacionada, entre outros, aos prazeres visuais efêmeros, ao deleite sensual do contato físico ou, simplesmente, ao apego pelo lugar, seja por sua familiaridade, por seu passado representativo ou por evocar algum tipo de orgulho de posse.

Para Mello (2001, p.88), a topofilia diz respeito ao “sentimento despertado pelo espaço apropriado, da convivência e da felicidade, que se contrapõe ao espaço indiferente”. Em Geografia, a topofilia é um lampejo de humanismo que está amparada pela concepção existencial do espaço afetivo, terno e seguro.

A reflexão traçada até aqui, para que se pense sobre as vantagens que a poesia traz à Geografia, também propõe que se considere a respeito de uma “Geografia da vida” (SANTOS, 1996). De acordo com Milton Santos (1996, p.30), a “Geografia da vida jamais será estática porque, partindo da razão e da emoção, incorpora todas as modalidades do encontro com o futuro”, dessa forma é que a Geografia depende tanto do pensamento, da poesia e da imaginação.

A Geografia Humanística: um sopro de humanismo para o turismo

O turismo é uma atividade de projeção humana, com impactos ambientais severos. Essa afirmação chega a soar contraditória ao se propor um enfoque humanista para o estudo do turismo. Contraditório porque é inegável que, da mesma forma que se trata de um

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

fenômeno humano, o turismo é uma prática que muitas vezes beira a bestialidade.

Krippendorf (1989, p.174) escreve que “o turismo chega a ser desastroso, desumano e autodestruidor”, logo, diante deste quadro ameaçador, o autor prega um turismo mais “suave” e humano ao reconsiderar a escala das prioridades para a atividade do turismo.

Tais reflexões referem-se a uma “humanização das viagens”, que o autor tece como tentativa de responder ao seguinte questionamento: Como fazer para mudar a “imensa maquinaria” do turismo (KRIPPENDORF, 1984, p.173)?

Essa resposta não vem de maneira fácil, no entanto, Krippendorf a persegue pelo viés humanista, que se contrapõe aos interesses unicamente baseados na ordem econômica e técnica do turismo. Cabe destacar que na visão sociológica sensivelmente humanista de Krippendorf (1989, p.175), “o turismo deve servir ao homem, e não ao contrário”.

Uma visão mais humanizada para a compreensão do fenômeno turístico e para a construção de uma epistemologia, acerca dessa atividade sócio-espacial tão importante, converte-se num enfoque “transdisciplinar” (RODRIGUES, 1997) que está diretamente relacionado às ciências humanas, e em particular à Geografia.

A Geografia se interessa pelo estudo do turismo porque o espaço configura-se como o principal campo de apropriação da atividade turística. O turismo se beneficia da ciência geográfica devido à capacidade de análise espacial que a Geografia imprime em seus estudos. O espaço, sendo uma das categorias de análise mais importante do universo geográfico, concede ao turismo um entendimento profundo das relações que envolvem o par sociedade/ambiente.

Ao destacar a natureza complexa do turismo, Rodrigues (1996, p.22) aponta que para tratar da temática turística, o “enfoque geográfico é de fundamental importância, uma vez que, por tradição, lida com a dualidade sociedade x natureza”. Essa dualidade, que indica muito da magnitude de uma abordagem geográfica, traduz um interesse recíproco da Geografia e do turismo, um pelo o outro.

Castro (2006) discute “o lugar do turismo na ciência geográfica”, apontando algumas considerações sobre a disciplina de “Geografia do Turismo” aplicada aos cursos de graduação em Geografia. Nesta tese de Doutorado, a autora faz um amplo apanhado das relações teóricas entre a ciência geográfica e o turismo, e desenvolve um panorama dos primeiros registros de interesse epistêmico dos geógrafos a respeito do fenômeno turístico.

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

Como parte da pesquisa, a autora inclui uma breve análise das primeiras dissertações e teses produzidas por geógrafos brasileiros, que estiveram voltados à discussão e ao aprofundamento de questões relacionadas à ótica espacial do turismo, à recreação e à segunda residência. A autora apresenta, ainda, um levantamento das teses e dissertações defendidas em diferentes Instituições de Ensino Superior do Brasil, apresentadas entre os anos de 1975 e 2005, e que tiveram como área de “intersecção” a Geografia e o turismo.

Para Castro (2006, p.13), diante da espacialidade da prática turística, observa-se a necessidade da inclusão de uma abordagem geográfica do turismo na formação do geógrafo. A autora destaca que a atividade turística se desenvolve sob o esteio do território, da paisagem e do lugar, categorias que “imprimem identidade ao conhecimento geográfico, permitindo a interpretação de fenômenos com dimensão espacial” (CASTRO, 2006, p.44).

Numa outra perspectiva, Bonfin (2007) aborda a importância da “geografia na formação do profissional em turismo”, revelando que a Geografia é a área que tem maior interesse pelo turismo, pois a atividade turística constitui-se como um fato social e econômico que se manifesta, efetivamente, no espaço geográfico (BONFIN, 2007, p.47).

As duas teses de doutorado, recentemente apresentadas ao departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, demonstram a necessidade de um aprofundamento constante a respeito de abordagens teórico-metodológicas que sejam capazes de unir as pesquisas no turismo à ciência geográfica, e vice-versa.

Assim, para um maior entendimento acerca das discussões propostas pela “Geografia do Turismo” como disciplina acadêmica, convém destacar as considerações apresentadas por Rodrigues (2003) a respeito das possibilidades e dimensões desta abordagem.

Assim, definido um breve panorama dos cruzamentos entre a ciência geográfica e o turismo, voltar-se-á às considerações de Krippendorf (1989) a respeito da humanização das viagens. De acordo com o autor, “é preciso voltar ao ser humano, às virtudes humanas, às atitudes sociais e à ética frente à vida”. A partir dessa visão humanista de Krippendorf, far-se-á a conexão para um enfoque humanista do turismo através da Geografia Humanística.

No entanto, a abordagem humanista da Geografia não se configura como uma proposta inovadora para o estudo do turismo, Castro (2006, p.31) assinala que a Geografia

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

Humanística passa a se interessar pelo turismo a partir década de 1980, através da Geografia da Percepção. Ao estabelecer essa ponte, a autora ressalta o uso dos modelos cognitivos de apropriação do espaço, destacando a contribuição das ciências neurológicas pela psicologia cognitiva, que apontava para a compreensão de procedimentos espaciais e a construção de mapas mentais como representação do espaço de referência (CASTRO, 2006, p.32).

Ocorre que Geografia Humanística não é um sinônimo de Geografia da Percepção, pelo contrário, a Geografia Humanística tece uma pesada crítica diante da concepção positivista que impregna a Geografia da Percepção (MELLO, 1990, p.93). Segundo Mello (ibid), esse erro de abordagem é freqüente na Geografia brasileira, para o autor, “a rigor, em um texto humanístico não haveria a necessidade de se estabelecer comentários a respeito das geografias da percepção e do comportamento”.

A percepção espacial está fortemente vinculada à paisagem como a principal categoria de análise, e tem nos sentidos cognitivos de quem a observa o seu principal apelo perceptivo. Assim, poder-se-á destacar que as propriedades fisionômicas da paisagem são os principais recursos da análise que envolve a percepção espacial.

Santos (1997, p.61-62) esclarece que “a paisagem é tudo aquilo que nós vemos e que a nossa visão alcança”, e que alcançar uma percepção real da paisagem requer a difícil tarefa de “ultrapassar a paisagem como aspecto, para chegar ao seu significado”. A visão do turista está condicionada a uma série de questões particulares, logo, o que pode ocorrer é que os aspectos sejam fatalmente confundidos com os significados, diante do distanciamento de quem apenas “vê”, mas não percebe a paisagem.

Considerar a percepção da paisagem como recurso de entendimento espacial para o turismo, representa uma das possibilidades da análise espacial, mas por levar em conta um breve instante percebido de maneira individual pelo sujeito, perde a amplitude da prática da experiência pregada pela Geografia Humanística.

Referindo-se à percepção ambiental, Tuan (1980) aponta a efemeridade desse ato que é estritamente dependente do quadro psicológico, experiencial e cultural do indivíduo, bem como dos elementos do instante de tempo em que ela ocorre. Por isso, os riscos em se considerar a percepção da paisagem como um método de análise espacial, já que é uma alternativa que pode conduzir a uma espécie de cerceamento motivacional dos turistas em relação à apreciação paisagística.

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

O posicionamento crítico frente à percepção ambiental, enfatizado pelo geógrafo humanístico Yi-Fu Tuan, revela que o interesse da Geografia Humanística vai além dos mapas mentais que visam um mero apanhado prático da paisagem. Mapas que, para Mello (1990, p.94), costumam ser “fragmentados e grosseiros”.

Dessa forma, a grande contribuição da Geografia Humanística para uma abordagem teórica que privilegie o estudo do turismo, reside no estudo das categorias de espaço e lugar.

Na perspectiva humanística, compreender o espaço reflete o estudo dos sentimentos espaciais e das idéias de um povo a partir de sua experiência (HOLZER, 1993, p.125). Essa também é uma das questões centrais discutidas por Tuan (1983) em “Espaço e Lugar”, no livro o autor questiona o que é o espaço e o lugar em termos de experiência humana.

Para Tuan (1983, p.18), “os espaços do homem refletem a qualidade dos seus sentidos e sua mentalidade”, assim, ele demonstra que o espaço reside não apenas fora, mas também dentro do ser humano.

A partir deste enfoque, as perspectivas para a humanização do turismo se ampliam, assim, à viagem atribuir-se um valor existencial, ao turista concede-se a proeminência da essência do viajante e ao espaço turístico outorga-lhe o distintivo da experiência.

O lugar, a categoria de maior apelo da Geografia Humanística, “corresponde ao trecho da superfície terrestre no qual o homem se completa” (MELLO, 1990, p.106). Para Mello (1990, p.105), “o sentido do lugar envolve enraizamento, amizade e simbolismo”, e por isso comporta variáveis poéticas, subjetivas e metafóricas.

Na concepção dos geógrafos humanísticos, espaço e lugar são distintos, mas sobre a possibilidade do espaço tornar-se um lugar, Mello (1990, p.102) escreve:

As experiências nos locais de habitação, trabalho, divertimento, estudo e dos fluxos transformam os espaços em lugares, carregam em si experiência, logo, poesia, emoção, sensação de paz e segurança dos indivíduos que estão entre os “seus”, tem uma conotação de pertinência por pertencer à pessoa e esta a ele, o que confere uma identidade mútua, particular aos indivíduos. Assim o lugar é recortado emocionalmente nas experiências cotidianas. [...] A criatividade humana constrói igualmente lugares míticos, terras fantásticas, espécie de paraíso ou eldorado. [...] Os geógrafos humanísticos insistem que o lugar é o lar, podendo ser a casa, a rua, o bairro, a cidade ou a nação. Enfim, qualquer ponto de referência e identidade.

A contribuição teórico-metodológica da Geografia Humanística para o turismo se

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

clarifica diante da análise do espaço e do lugar, especialmente na dinâmica que transforma um no outro.

No turismo, consideram-se as reflexões acerca do “consumo do espaço”, da “apropriação dos lugares”, das “vivências e experiências” dos turistas, e pela ótica da Geografia Humanística esses termos se revestem de sentido e propriedade.

O espaço turístico não equivale ao lugar turístico, o lugar turístico tem um peso mais afetivo e simbólico, enquanto o espaço turístico pode apresentar estranhamento e rejeição. Essas são algumas das proposições a serem elaboradas e aprofundadas a partir da perspectiva humanista da Geografia. Tuan (1985, p.149) escreve:

Como um mero espaço se torna um lugar intensamente humano é uma tarefa para um geógrafo humanista; para tanto, ele apela a interesses distintamente humanísticos, como a natureza da experiência, a qualidade da ligação emocional aos objetos físicos, as funções dos conceitos e símbolos na criação da identidade do lugar.

O lugar reveste-se de novos significados a partir do enfoque humanista, e o turismo, redimensionado a uma escala mais humanizada, reavalia os valores apregoados pela experiência das descobertas e do encontro com o outro. Nessa esfera, extingue-se a possibilidade limitadora e diminuta de pensar os lugares com “vocaçãõ” para o turismo, já que pelo viés humanista, o lugar sempre é potencialmente voltado às experiências humanas.

A fecundidade das abordagens propostas pela Geografia Humanística, que servem de base para o entendimento do fenômeno turístico, não se esgotam nos resumidos exemplos apresentados neste artigo. Pelo contrário, o horizonte se mostra esparso para quem quiser recorrer às reflexões humanistas da Geografia, como forma de contribuir para a construção de uma teoria voltada à humanização da viagem.

São profundos os temas suscitados pela abordagem da Geografia Humanística para o turismo. A própria questão do enfoque fenomenológico e existencial dos estudos turísticos, mereceria um maior embasamento a partir dos interesses humanistas da Geografia. Porque na perspectiva da Geografia Humanística, a fenomenologia existencial se apresenta como a filosofia subjacente (CHRISTOFOLETTI, 1985, p.21).

Para o turismo, a investigação fenomenológica permite analisar aspectos fundamentais acerca do fenômeno turístico, e das experiências vividas pelos turistas (PANOSSO NETTO, 2005, p.138).

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

Sobre a possibilidade de se discutir o lugar turístico, convém destacar as inúmeras abordagens referidas aos “não-lugares” (AUGÉ, 1994), as quais despenderam por parte de inúmeros autores (CARLOS, 1996; CRUZ, 2007; GASTAL, 2005; RODRIGUES, 1997) as mais diversas críticas e análises acerca da dimensão de tal “conceito”.

No entanto, o termo, ou conceito, utilizado por Marc Augé (1994), refere-se a uma “Antropologia da modernidade”, como bem indica o título do livro. Contudo, não demorou para que a Geografia se apropriasse das controvérsias que envolvem a temática da negação dos lugares. Holzer (1993, p.127), baseado nos princípios da Geografia Humanística, recorda o geógrafo humanístico Edward Relph, e escreve:

Para Relph, só a compreensão dos lugares a partir da experiência cotidiana poderia deter a marcha da geografia do não-lugar, ligada à inautenticidade das experiências refletidas nas atitudes ou ações de massa, referentes ao domínio do outro, e que são típicas das sociedades industrializadas. A geografia humanista seria a geografia dos lugares

Assim, a negação dos lugares deve ser cuidadosamente reinterpretada, para que não se caia no equívoco da aceitação imediata e simplificada de que o turismo produz “não-lugares”, na mesma medida em que produz lugares turísticos. E da mesma maneira, para não se sucumbir à cilada de acreditar que “a indústria do turismo transforma tudo o que toca em artificial” (CARLOS, 1996, p.26).

A crítica disparada contra a indústria do turismo é bem-vinda e necessária. Realmente, uma perspectiva que privilegie a indústria ao fenômeno turístico, tenderá a por em risco a possibilidade de se pensar o enfoque humanista. Não há como negar que, muitas vezes, a indústria do turismo se apresenta implacável, injusta e amoral. No entanto, creditar a ela um poder proeminente inverso ao de Midas, é cair na vala comum da crítica pela crítica despropositada.

Novamente relembro Krippendorf (1989, p.174), a respeito de suas “teses para a humanização da viagem”, convém assinalar que, para o autor, é grande a tentação do cientista em se dedicar a obstruir o turismo, ao invés de promovê-lo.

Sob o enfoque da Geografia Humanística, poder-se-á pensar, por exemplo, nas “terras incógnitas” citadas por Holzer (1990, p.111) e Lowenthal (1985, p.103) ao referenciar John K. Wright. E assim, resgatar para o turismo uma Geografia que se nutre da experiência e da imaginação (LOWENTHAL, 1985, p.103) em suas reflexões.

Nessa mesma direção, voltar-se-á às viagens reais e às imaginadas (SERRANO, 2000,

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

p.38), e aos lugares fantásticos que sempre povoaram a consciência dos antigos viajantes. Afinal, “o homem é um viajante por natureza, uma vez que suas necessidades estão fora de si mesmo” (RODRIGUES, 1997, p.27).

Krippendorff (1989, p.53, p.61) aponta que, entre outros fatores, “viajar é ser feliz e ser livre” e ser livre é, no fundo, poder dispor de si mesmo. Assim, que a Geografia Humanística seja a “Geografia da vida” e a Geografia dos viajantes, que partem em busca da liberdade e da felicidade, mas que possa, também, representar uma Geografia do Turismo que se rende aos encantos do conhecimento humanista.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

BONFIN, Berenice Bley Ribeiro. **A geografia na formação do profissional em turismo**: discussão sobre uma proposta teórico-metodológica para a região litorânea do Paraná. 2007. 258p. Tese (Doutorado) - FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CASSIRER, Ernst. O mundo humano do espaço e do tempo. In. **Ensaio sobre o Homem. Introdução a uma filosofia da cultura humana**. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martin Fontes, 1997.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O turismo e a produção do não-lugar. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza. (orgs.). **Turismo: Espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

CASTRO, Nair A. Ribeiro de. **O lugar do turismo na ciência geográfica**: contribuições teórico-metodológicas à ação educativa. 2006. 300 p. Tese (Doutorado) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. As perspectivas dos Estudos Geográficos. In: Christofoletti, Antonio; (Org.). **Perspectivas da Geografia**. 2ª ed. São Paulo: DIFEL, 1985.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Geografias do turismo**: de lugares a pseudo-lugares. São Paulo: Roca, 2007.

DARDEL, Eric. **L’homme et la terre**. Nature de la réalité géographique. Paris: Presses

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

Universitaires de France, 1952.

GASTAL, Susana. Nomadismo e turismo: viagem como vida no espaço. In: Trigo, Luiz Gozaga Godoi; (Org.). **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**. 1 ed. São Paulo: Roca, 2005.

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista anglo-saxônica - de suas origens aos anos 90. Revista brasileira de Geografia. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Rio de Janeiro, v. 55, n. 1, p. 90-109, jan/dez, 1993.

HOLZER, Werther. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In. Zeny Rosendal e Roberto Lobato Corrêa (orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**. Para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Ed. Civilização brasileira, 1989.

LOWENTHAL, David. Geografia, Experiência e Imaginação: Em direção a uma epistemologia Geográfica. In: Christofolletti, Antonio; (Org.). **Perspectivas da Geografia**. 2ª ed. São Paulo: DIFEL, 1985.

MELLO, João Baptista Ferreira de. A Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. Revista Brasileira de Geografia. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia Estatística – IBGE. Rio de Janeiro, v.52, n. 4, p. 91-114, out/dez, 1990.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Descortinando e (re)pensando categorias espaciais com base na obra de Yu-Fu Tuan. In. Zeny Rosendal e Roberto Lobato Corrêa (orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2005.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Desafios para os estudiosos do turismo. In: Rodrigues, Adyr Balastrieri; (orgª.). **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1996.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Milton. O espaço geográfico como categoria filosófica. In: **O espaço em questão**. São Paulo: Marco Zero – AGB, 1988.

SANTOS, Milton. El espacio banal, una epistemologia de la existencia. In: Universitat

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina

Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008

de Barcelona, Solemne Investidura de Doctor Honoris Causa, noviembre 1996.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.

SERRANO, Célia. Poéticas e políticas das viagens. In: Serrano, Célia; Turine, Heloísa; Luchiari, Maria Tereza D.P. (orgs.). **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

TUAN, Yu-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Ed. DIFEL, 1980.

TUAN, Yu-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Ed. DIFEL, 1983.

TUAN, Yu-Fu. Geografia Humanística. In. Christofolletti, Antonio; (Org.). **Perspectivas da Geografia**. 2ª ed. São Paulo: DIFEL, 1985.